

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DOUTORADO EM FILOSOFIA

LIONARA FUSARI

**ANÁLISE EXISTENCIAL DO FENÔMENO DA
CONSCIÊNCIA: ADAPTAÇÃO FENOMÊNICA**

Porto Alegre
2014

LIONARA FUSARI

**ANÁLISE EXISTENCIAL DO FENÔMENO DA
CONSCIÊNCIA: ADAPTAÇÃO FENOMÊNICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor(a) em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ernildo Stein

Porto Alegre
2014

LIONARA FUSARI

**ANÁLISE EXISTENCIAL DO FENÔMENO DA
CONSCIÊNCIA: ADAPTAÇÃO FENOMÊNICA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor(a) em Filosofia.

Aprovada em 11 de Março de 2014.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Ernildo Stein – PUCRS

Prof. Dr. Dr. Eduardo Luft - PUCRS

Prof. Dr. Jorge A. Torres Machado - PUCRS

Prof. Dr. Luiz Rohden - UNISINOS

Prof. Dr. Mario Fleig - UNISINOS

Porto Alegre
2014

Dedico a Adolfo Pedro, que sempre me incentivou a estudar
desde a mais tenra infância!

AGRADECIMENTOS

Com toda a gratidão e o afeto presente a quem colaborou para alcançar este objetivo do doutoramento:

Ao meu pai **Adolfo Pedro** Fusari (*in memoriam*) e à minha mãe **Liduína Isotton Fusari**.

Ao grande mestre e inspirador **Cedaíor Ami da Silveira**, por ser um admirável guia de jornada, que incansavelmente me acompanhou e acompanha em minha trajetória existencial/intelectual e que também desde o primeiro dia da fase do doutorado, quando da aprovação na seleção, me guiou no desenvolvimento desta tese como ninguém o fez tanto na pesquisa, na conjugação e no aprimoramento de ideias quanto no debate e no crescimento filosófico-intelectual com uma maestria inigualável. Gratidão também a ao estimado Cedaíor pela genialidade filosófica que mantém em tua trajetória de vida e que me inspira no pensamento, na crítica e na ação e não apenas a aprofundar os estudos, mas fundamentalmente a me lançar para uma posição de observação e análise de mundo que integra filosofia com vida. Meu ***muito obrigada*** pois não fostes somente o mentor intelectual em minha trajetória de pensadora, como continuas sendo e me inspiras com uma gama de ações mais humanas, assertivas e que expressam afeto e generosidade pela vida.

Aos amigos e amigas que são parte integrante do processo de filosofar e que são muitos e citar a cada um individualmente me faria correr o risco de deixar alguém sem ser lembrado.

A CAPES - Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior - pela concessão da bolsa integral de doutorado que viabilizou a pesquisa e desenvolvimento dos aprofundamentos intelectuais.

Aos secretários Andréa Simioni e Paulo Motta pela presença estimulante e colaboração permanente junto aos encaminhamentos necessários para o desenvolvimento e conclusão desta etapa.

Todos temos livre acesso à consciência. Ela borbulha com tanta facilidade e abundância na mente que permitimos, sem hesitação ou apreensão, que se desligue toda noite quando adormecemos e retorne de manhã ao soar do despertador, no mínimo 365 vezes por ano, sem contar as sextas. E no entanto poucas coisas em nós são tão sensacionais, fundamentais e aparentemente misteriosas como a consciência. Sem a consciência — isto é, sem uma mente dotada de subjetividade —, você não teria como saber que existe, quanto mais saber quem você é e o que pensa. Se a subjetividade não tivesse surgido, ainda que bastante modesta no início, em seres vivos bem mais simples do que nós, provavelmente a memória e o raciocínio não teriam logrado uma expansão tão prodigiosa, e o caminho evolucionário para a linguagem e a elaborada versão humana de consciência que hoje possuímos não teriam sido abertos. A criatividade não teria florescido. Não existiriam a música, a pintura, a literatura. O amor nunca seria amor, apenas sexo. A amizade seria apenas uma cooperação conveniente. A dor nunca se tornaria sofrimento, o que não lamentaríamos, mas a contrapartida dessa dúbia vantagem seria que o prazer nunca se tornaria alegria. Sem o revolucionário surgimento da subjetividade, não existiria o conhecimento e não haveria ninguém para notar isso; conseqüentemente, não haveria uma história do que os seres fizeram ao longo das eras, não haveria cultura nenhuma. [...] Se a consciência não se desenvolvesse no decorrer de uma evolução e não se expandisse em sua versão humana, a humanidade que hoje reconhecemos, com todas as suas fragilidades e forças, nunca teria se desenvolvido também (DAMÁSIO, 2009, p. 16-17).

Colaboração, norteamento e acompanhamento ao longo dos quatro anos de doutoramento com sugestões, críticas, inspirações e orientações de toda ordem: Cedaior da Silveira (Instituto Ami de Terapias e Transdisciplinaridade)

Revisão de traduções (língua inglesa): Maurício Seibel Luce (Master English School)

Revisão de transliteração (língua grega): Bruno Jorge Bergamin (Professor - PUCRS)

Revisão gramatical e ortográfica: Bruno Jorge Bergamin (Professor - PUCRS)

Revisão de formatação: Cíntia Greff (Bibliotecária – PUCRS)

Revisão geral: Edgar Garcia Torres (Bork e Torres Company)

RESUMO

O presente trabalho investiga a ocorrência do fenômeno da consciência humana a partir da base biológica e também sob o influxo de fatores socioculturais e componentes existenciais. Analisa-se, nesse sentido, a relação entre mente e corpo, apresentando esse fenômeno como um estado mental que recebe interferência das reações químicas que ocorrem na base corpórea humana e como isso interfere na ocorrência desse fenômeno. E além desse aspecto, é destacado o papel que a estruturação e formação exercem na manifestação de perspectivas perceptivas conscientes, em que os mesmos são reconhecidos como relevantes para a adaptação fenomênica. Essa dinâmica dialética, que ocorre entre os eventos mentais, contribui na viabilização das adaptações das perspectivas perceptivas segundo as quais seres humanos apreendem o mundo e operam nele. Procura-se, desse modo, compreender como a busca pela garantia e a manutenção da sobrevivência, o preenchimento das necessidades suscitadas pela sociedade e a procura e/ou aprofundamento de conhecimentos estariam a operar como demandas ou sujeições que propiciariam adaptações nas perspectivas perceptivas conscientes de uma pessoa.

Palavras-chave: Consciência. Fenômeno. Adaptação.

ABSTRACT

This study investigates the manifestation of the phenomenon of human consciousness from the biological basis and also under the influence of sociocultural factors and existential components. In this sense, the relationship between mind and body is analyzed, presenting this phenomenon as a mental state that receives interference from chemical reactions that occur in the human body. We also analyze how this interferes in the manifestation of this phenomenon. In addition to this aspect, it is emphasized the role that structuring and training play on the manifestation of conscious perceptual perspectives, in which they are recognized as relevant to the phenomenal adaptation. This dialectical dynamics, which takes place in between the mental events, contributes for the viability of the adaptations of perceptual perspectives, according to which human beings perceive the world and operate in it. In this work, we therefore seek to understand how the quest for survival and its maintenance, as well as the achievement of the needs raised by society and the search for knowledge, operate like demands or subjections that provide adjustments in one's conscious perceptual perspectives.

Key-words: Consciousness. Phenomenon. Adaptation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 CONSCIÊNCIA: A PROBLEMÁTICA E SUA BASE.....	25
1.1 A relação entre mente e corpo.....	25
1.2 Consciência: estado mental.....	30
1.3 A base fundante da consciência.....	35
1.4 Reações químicas da vida e consciência.....	42
1.5 Da base biológica para a análise do fenômeno da consciência.....	46
2 ESTRUTURAÇÃO E FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA NO MUNDO.....	50
2.1 O fenômeno e sua investigação.....	51
2.2 A sociedade e a cultura.....	56
<i>2.2.1 Recepção tradicional do fenômeno.....</i>	<i>61</i>
2.3 As influências socioculturais incidindo no fenômeno da consciência.....	63
2.4 A expressão dialética do fenômeno da consciência no mundo.....	68
2.5 Mudanças na ocorrência do fenômeno da consciência.....	73
3 O FENÔMENO DA CONSCIÊNCIA SOB O VIÉS DA EXISTÊNCIA.....	78
3.1 Existência e consciência.....	78
3.2 Ser no mundo: condição para análise do fenômeno.....	83
3.3 A existência como sustentação do fenômeno da consciência.....	87
3.4 A angústia.....	89
3.5 A expressão existencial do fenômeno da consciência.....	95
3.6 A influência subjacente na manifestação da consciência.....	96
3.7 Do tabu à consciência.....	100
3.8 O inconsciente.....	104
3.9 Intercalando posições.....	111

4 O FENÔMENO DA CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DA ADAPTAÇÃO.....	115
4.1 Adaptação.....	115
4.2 Sujeições referentes à ocorrência do fenômeno.....	120
4.3 Adaptação fenomênica.....	123
4.4 O devir perceptivo	132
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS.....	142

INTRODUÇÃO

Como seria possível pensar o humano, a realidade e tudo o mais sem a expressão do fenômeno da consciência? O fenômeno da consciência coloca pessoas em uma relação com o mundo, relação que ao mesmo tempo é perceptiva e as conduz para ações – por meio da qual elas orientam-se a agir no mundo segundo aquilo que assumem como perspectiva perceptiva. Esse fenômeno é determinante e indispensável ao ser humano, pois ao se relacionar, manter-se vivo e ser capaz de consolidar suas inserções sociais o indivíduo aí está presente de forma inegável, afinal, é exatamente o fenômeno da consciência que propicia a expressão da autoconsciência, qualidade essa que nos difere dos animais. Certamente o que é possível indagar é de que forma se apresentam as distintas perspectivas de expressão da consciência, entre muitos aspectos a respeito dos quais é possível fazer inquirições. Entretanto, percebe-se que a partir do instante em que alguém se propõe a refletir sobre o que significa a consciência, ou como ela se manifesta ou como seres humanos adquirem conhecimento através dela, o grau de dificuldade para formular uma possível proposta epistêmica que responda a essas interpelações ganha proporções muito extensas e desafiadoras. Dentro desse cenário, esse tópico talvez possa ser considerado como um dos mais instigantes no que tange aos assuntos pesquisados em filosofia (e também nas demais áreas do conhecimento). Constantemente seres humanos, enquanto indivíduos conscientes e que se manifestam através desse fenômeno, ingressam em pesquisas, que são hoje bastante científicas, e significativamente neurocientíficas – mais do que em qualquer outro tempo de história da humanidade. Tais pesquisas tentam dar indícios do que vem a ser a *consciência* e pretendem responder a “todas” as possíveis questões que ainda a humanidade mantém a respeito desse assunto.

Entretanto, a problemática com a qual muitos pensadores tradicionais se ocuparam, e que envolve entender o significado de consciência e tudo o mais que diz respeito a estabelecer uma relação entre o que integra a interioridade individual e o mundo circundante, vem de longuíssima data e sua sondagem é desafiadora e intrigante. Possivelmente esse seja um dos problemas mais complexos e intrincados da tradição filosófica e permaneça, por vezes, suscitando mais questionamentos e apresentando obscuridades ao invés de notáveis esclarecimentos.

Porém, como esse fenômeno é entendido classicamente? Partindo da perspectiva dos antigos gregos, o que pode ser dito sobre consciência em primeiro lugar é que distintos pensadores fizeram referência a ela de várias formas e que não havia um termo específico que indicasse exatamente essa ideia da mesma maneira como se faz na atualidade – que apresenta o ser humano a partir da sua subjetividade, da identidade que mantém consigo, da decodificação do mundo e das relações que consegue estabelecer por intermédio dela. A ideia grega antiga que os pensadores mantinham em relação ao ‘ter consciência’ não pode ser exatamente comparada à concepção que até hoje se utiliza em filosofia para falar desse problema, mas precisa ser considerada, pois mostra a pertinência da questão enquanto problema filosófico que entrava (e ainda entra) na pauta de pesquisas dos filósofos desde aquela época. Na medida em que os pensadores gregos abordavam temas como o pensamento, o intelecto, a *psyché*, a alma, a faculdade da razão, eles implicitamente tratavam do problema a respeito de como seres humanos se integravam ao mundo, o percebiam, o interpretavam – ou seja, como se expressavam por meio de tal fenômeno. Mesmo que não houvesse uma terminologia exata e bem definida na antiguidade, o problema a respeito de como indivíduos mantinham consciência da realidade e operavam nela, e com ela, sempre perpassou as mais diferentes épocas. É meritório salientar que os gregos antigos consideravam o “ter consciência” como um elemento presente em sua interioridade, mas ao mesmo tempo esse aspecto estava conectado ao mundo exterior. Tudo o que dizia respeito à expressão do “ter ciência, estar a par de algo” era parte de uma unidade e era considerado como elemento fundante na maneira como o ser humano mantinha contato com o mundo e obtinha conhecimento.

Na Grécia antiga, os filósofos naturalistas ou pré-socráticos foram os que realizaram as primeiras abordagens sobre o tópico da consciência, procurando um entendimento sobre esse fenômeno e qual seria sua fonte causadora. Como mostra William Seager (2007), no *The Cambridge Handbook of Consciousness*, para os pré-socráticos a mente (ou a consciência como seu sinônimo) era um aspecto característico do mundo ou um elemento que emergia dele, ou estava condicionado a ele no que se refere à expressão de tais características. Nesse período não se problematizava a questão da conexão entre consciência e a corporeidade do ser humano. A manifestação de consciência, segundo a forma de pensar de um grego, da antiga Grécia, era entendida como a expressão de uma unidade que um

indivíduo mantinha consigo e com o mundo. O pensador Heráclito de Éfeso – por meio de sua filosofia do movimento e da luta dos contrários – definia a expressão “*consciência humana*” como essa unidade que se encontrava sob uma processualidade, que está em mudança e que se expressa pela oposição entre o indivíduo e a realidade. Quando Heráclito afirmou esse aspecto em sua filosofia, possivelmente ele estava expressando as origens daquilo que se apresentará ao longo desta tese, que consciência se apresenta no mundo por meio de uma dinâmica dialética (luta dos opostos) que acontece na existência dos seres humanos.

Sendo assim, a perspectiva de entendimento do que seria consciência para os gregos conectava-se à expressão do ser humano como uma unidade, em que a maneira de um ser pensar, sentir, interpretar os fatos estava ligada a uma integração entre o todo do indivíduo (sua corporeidade, conhecimento, sentimentos, desejos...). Nos pré-socráticos, de modo geral, o fenômeno da consciência é um elemento conjugado à vida e é entendida por meio de uma processualidade, em que ela se modifica na medida em que o ser sofre as influências do cotidiano.

Quando Sócrates ingressa na cena da filosofia (seja ele a figura histórica real ou, fundamentalmente, o ícone que o mesmo representa para a filosofia por meio de suas ideias) ele toca em outro modo de entendimento do significado do fenômeno da consciência. Esse filósofo segue por uma trilha reflexiva que assinala que no ser humano a manifestação da consciência é uma faculdade para discernir dados, acontecimentos, ações. Assim, em Sócrates se inicia uma abordagem do significado de consciência como um aspecto em que o ser humano se possibilita fazer diferenciações, escolhas e reflexões apesar de haver um *status quo* regendo, de maneira geral, o pensar, o perceber e o proceder dos indivíduos. A consciência passa a exprimir conceitualmente um gerenciamento da própria natureza pessoal na relação de unidade entre o pensamento, sentimentos e corporeidade do ser humano que integra a pólis.

Em Platão a unidade existente entre corporeidade e “ter consciência” começa a ser cindida. Para ele a concepção de alma (ou consciência) significava o *ter ciência de algo, estar a par dos dados*, e isso se daria pela percepção dos acontecimentos, pela lembrança, pela reflexão, ou seja, consciência era um captar o mundo por meio de um “conjunto de atividades cognitivas em geral”, distinta da corporeidade. Platão considerava que a atividade do fenômeno da consciência seria

completamente diferente das funções realizadas pelo corpo, em que ele acreditava que tomar conhecimento dos componentes da realidade era um modo de transcender a própria percepção no que se refere às aparências da realidade. Em Platão o fenômeno da consciência passou a ser a manifestação humana de valorações frente a realidade, em que aquilo que integrava o Mundo das Ideias era belo, bom, valoroso e o restante se expressava como deformação do ideal. Na visão platônica, a consciência encontrava-se vinculada à dinâmica de apreciação perceptiva da realidade e para isso era preciso contemplar um parâmetro avaliativo (o Mundo das Formas ou Ideias) que oferecia, assim, modelos no que se referia a estar ciente, perceber o mundo, apreciá-lo e avaliá-lo. Nesse sentido, a expressão da alma ou pensamento (como consciência) começou a fazer parte de uma concepção dual, em que consciência passou a ser considerada como o elemento “distinto” do físico, e que apresentava maior propensão para participar da contemplação do Mundo das Formas Perfeitas e ultrapassar as imperfeições da realidade. Assim o fenômeno da consciência veio a ser entendido de forma metafísica, como algo “supra” e “além” da vida dos seres humanos e com isso se deu início a uma tradição que distanciou e separou o fenômeno da corporeidade individual. Com tal separação passou-se a reconhecer que manifestar consciência era valorar os componentes que integravam o mundo e as relações em que se dava maior importância aos componentes do Mundo das Ideias em detrimento dos que estavam presentes no Mundo Sensível.

Em Aristóteles, no livro *De Anima*, está exposta uma abordagem sobre as funções da alma (*psyché*, ou aquilo que hoje se chamaria de “consciência”). Esse filósofo trata, na terceira parte do *De Anima* a respeito do pensamento, da imaginação e da relação que se mantém entre a dimensão intelectual e dimensão da experimentação (sensações). No terceiro capítulo dessa mesma obra Aristóteles apresenta a ideia de um intelecto passivo e de um intelecto ativo. O intelecto (como a manifestação da consciência) em seu caráter ativo exerceria a função de tornar as sensações (ou experiências) em percepções abstratas, que poderiam vir a ser formuladas em formato de conceitos – permitindo ao indivíduo transitar de forma teórica e prática no mundo. O intelecto passivo estaria na ordem daquela dimensão intelectual do ser que se deixa influenciar pelos acontecimentos, sensações, e captaria a realidade. Seria o intelecto ativo que produziria as interpretações daqueles dados que ingressariam pelo intelecto passivo e permitiriam ao ser

humano alcançar outras e distintas concepções sobre o mundo. Aristóteles ao afirmar que *nada está no intelecto que não tenha passado pelos sentidos* indica, mesmo que indiretamente, o papel crucial do intelecto (entenda-se aqui como o fenômeno da consciência atuando na realidade) como um componente da vida do indivíduo que possibilita transformar os conteúdos e as experiências que vêm dos sentidos em uma relação de conhecimento e de interação com o mundo e com os demais seres. Assim, na compreensão desse filósofo a expressão intelectual humana (= consciência) significa decodificar as sensações e experimentações feitas para compreender e conhecer o mundo.

No epicurismo e no estoicismo, o entendimento sobre o tópico *consciência* passou por outra modificação, em que ela se apresentava mais explicitamente como autoavaliação segundo determinado *éthos* (costume). Diga-se de passagem, que essa autoavaliação é 'mais explícita' pois ela sempre existiu, mas com Epicuro e Zenão de Cítio ela ganhou um reforço que acentuava essa característica e colocava o ser humano no centro da responsabilidade por suas ações (e não mais a *moira* ou os deuses como possíveis causadores de determinados comportamentos). Com Epicuro a expressão da percepção consciente de mundo esteve em perceber a dor e o prazer, evitando o primeiro e buscando o último. O homem precisaria, então, utilizar-se de seus sentidos (daquilo que lhe confere ciência do mundo e de si, e que o faz consciente) para agir, escolher e praticar atos virtuosos – reconhecendo, por vezes, quando os atos não seriam virtuosos, i.e., que não produziram o bem-estar nem para o indivíduo e nem para os seus pares. O fenômeno da consciência relacionava-se com a ideia de reconhecer e distinguir entre dor e prazer e ser capaz de tomar decisões para gerar tranquilidade para si e evitar o excesso. Consciência seria, portanto, uma expressão do equilíbrio nas escolhas realizadas. Ao lado do epicurismo, porém distinto dele, está o estoicismo em que Zenão de Cítio e seus seguidores propunham-se a buscar algum princípio que contribuísse para viver uma vida feliz. Os estoicos exaltavam a razão e ao fazê-lo desprezavam aquilo que era sinônimo de sentimentos, prazer, emoções ou estivesse relacionado aos desejos da corporeidade. No estoicismo a expressão da razão (consciência) encontrava-se fundamentalmente em fazê-la reger o ser humano, evitando as emoções excessivas e concentrando o indivíduo em um domínio racional de si. Portanto, a concepção de consciência ligava-se à ideia de que o indivíduo precisava reconhecer as emoções e dominá-las para que pudesse usufruir de uma vida sem perturbações suscitadas

pelos sentimentos. A razão, nesse sentido, era uma reguladora de emoções e aquela que produzia o autodomínio intelectual nos mais diversos aspectos inerentes à vida. E aí o papel da razão (=consciência) sempre foi exaltado e reconhecido como crucial, pois seria ela que exerceria a função de subtrair a emoção e colocar o indivíduo na rota do autodomínio (começando a vigorar aí uma dimensão moral, em que algo precisava ser privilegiado e outros aspectos rejeitados). *

Na Roma antiga, em relação ao exprimir-se segundo uma perspectiva consciente no mundo, os indivíduos praticamente gozavam de uma significativa e quase total liberdade de expressão (pensamento e conduta). Poderiam posicionar-se segundo um viés perceptivo consciente frente à realidade como desejassem, tanto em relação à perspectiva teórica como prática. Todavia, manifestar-se segundo uma perspectiva consciente frente à realidade possuía certa restrição, e isso perpassava pelo compreender e seguir o ditame autoavaliativo – para verificar se nenhuma regra estava sendo transgredida, especialmente no que se referia a não praticar atos ilícitos. Esses atos eram aqueles considerados “proibidos”, ou seja, os praticados contra a vontade individual (estupro) e aqueles em que estavam proibidos o rapto e sequestro com vistas a manter relações sexuais ilícitas – contra a vontade da pessoa. Por maior que fosse a liberdade de expressão e de pensar, na Roma Antiga já se possuía essa ideia de que manifestar-se pelo fenômeno da consciência frente ao mundo era pensar e agir segundo parâmetros autoavaliativos.

No que se refere aos pensadores cristãos, quando assumiram a filosofia helênica e adaptaram-na segundo seus interesses, eles readaptaram o sentido de “ser consciente” no mundo para que vigorasse uma visão de que o fenômeno da consciência se referia a um avaliar-se segundo valores cristãos (o *bem e o mal*, a *virtude e o pecado*) e que tinha como objetivo fazer com que um indivíduo evitasse os “desejos pessoais”, as “paixões” e os “vícios” para realizar uma “vontade divina”. Essa perspectiva de autoavaliação moral no entendimento do fenômeno em questão ressalta que o ser humano vivencia uma relação de inquirição de sua conduta e procura evitar que aquilo que é corpóreo “influencie” ou “atinja” a sua própria

* Daí possivelmente tenha surgido a perspectiva de uma consciência que expressa *frieza e imparcialidade* — da qual talvez Kant tenha retirado dessa ideia a inspiração para sua obra — que regeria a vida humana desconectada das influências do corpo e das emoções dele oriundas, em que se reforça ainda mais a cisão entre a manifestação da consciência como algo distinto e ‘à parte’ do físico. Isso reforça sobremaneira a perspectiva de fragmentação do ser humano em que ele seria um ser dual, que estaria composto por uma razão (ter consciência) e por uma corporeidade como se as duas fossem excludentes.

conduta no mundo e aos demais indivíduos. Nesse sentido, um representante que contribuiu amplamente para a difusão de tal concepção moral cristã de consciência foi Agostinho de Hipona, que a apresentou como uma auscultação interna que propiciava condições de o indivíduo deliberar e, por consequência, realizar os propósitos divinos em sua vida. Mas essa deliberação, proporcionada pelo fenômeno da consciência, efetuar-se-ia dentro do conjunto de valores cristãos previamente estipulados e propiciaria ao indivíduo fazer escolhas morais e conviver em sociedade por meio desse parâmetro. Posteriormente, já na Idade Média, Tomás de Aquino colocou o acento da compreensão do fenômeno da consciência como ele sendo um componente da vida pessoal que se expressa como *sindérese*, isto é, uma centelha intelectual que desaprova o mal e faz o indivíduo se inclinar para o bem (ou Deus) na práxis cotidiana. A ideia desse pensador reforçou mais ainda na tradição ocidental da filosofia a compreensão de que manifestar-se pelo fenômeno da consciência seria fazê-lo avaliando-se segundo valores morais. Isto significa que consciência era pensada como uma tendência prática que dirigia o ser humano a agir de um modo “virtuoso” – em que as virtudes eram cunhadas sob o viés cristão – e tomar decisões e estabelecer relações a partir dessa perspectiva para manter um bom convívio social. No período medieval, manifestar-se segundo uma perspectiva consciente era seguir à risca o autojulgamento pessoal segundo os valores morais cristãos e expressar-se segundo o resultado daí produzido. Para isso, tornava-se indispensável comportar-se segundo as regras e dogmas impostos - abstinência sexual, pobreza, jejum.... Esses valores, entre outros, refletiam a compreensão de mundo do Ocidente daquela época e regiam a perspectiva consciente segundo a qual indivíduos abarcavam o mundo e interagiam com ele e se relacionavam com os demais.

Com as novas descobertas científicas da Idade Moderna, em que se concebe a terra como um planeta redondo e móvel no universo, em que se abandona o geocentrismo e se assume o heliocentrismo, em que surge a imprensa, em que a ciência passa a ser a comprovação de ideias por meio de experiências, em que o ser humano passa a ser analisado sob um ponto de vista mecanicista, também o fenômeno da consciência aparece como tópico bastante relevante. Na Modernidade, René Descartes (1596-1650) é o pensador que reforça a cisão entre o corpóreo e o mental, enunciando a existência de uma *res cogitans* e de uma *res extensa*. No que se refere à ocorrência do fenômeno da consciência, *res cogitans*,

ela é caracterizada como a que exerceria um completo controle sobre a dimensão corporal do ser humano, propiciando-lhe uma coexistência harmônica com os demais e, ainda mais, fornecer-lhe-ia a certeza do seu próprio existir. Para Descartes a *res cogitans* seria imperturbável e as “paixões” (sentimentos, influências corporais) e o mundo não poderiam interferir quando ela se manifestasse através de um indivíduo. Na obra *Discurso sobre o método* (1637) Descartes mostra que na *res cogitans*, a dimensão pensante humana e por meio da qual os seres humanos são conscientes do mundo, estaria presente a autoridade e a supremacia da razão sobre o todo – o próprio ser humano, o mundo, os objetos, os seres etc. Isso implicaria, portanto, que o ser humano se orientaria no mundo (em suas ações e relações) de uma forma sempre pela certeza produzida pelo fenômeno da consciência –, que não poderia ser enganoso por originar-se no que tange a sua origem de coerência de ideias em Deus. Ou seja, a divindade seria a fonte da coerência e da clareza das perspectivas perceptivas produzidas por um indivíduo, seja sobre si (autoavaliativa) ou sobre o mundo. Desse modo, a supremacia do fenômeno da consciência regendo o ser humano (como que “acima” e “separado” da dimensão corpórea) também assumia um cunho moral na medida em que as ideias claras e distintas eram oriundas de Deus – que sustentava toda a expressão da *res cogitans* do sujeito. Esse filósofo moderno marcou profundamente a reflexão dos pensadores posteriores no que se refere ao fenômeno da consciência por ter destacado o seu aspecto de supremacia sobre a corporeidade e, desse modo, expressar mais fortemente esse cunho de autoavaliação moral e de distanciamento desse fenômeno da existência (especialmente da corporeidade). Isso fica mais evidenciado em Immanuel Kant, quando o mesmo aborda a problemática de qual princípio seria o ordenador das ações dos seres humanos no mundo e no convívio social mantido.

Nesse sentido, corroborando com a ideia clássica de consciência e conectando-se à perspectiva cartesiana, Immanuel Kant (1724-1804) reafirma a supremacia do fenômeno, assinala a sua imperturbabilidade mediante os influxos corpóreos e sociais. Por meio da obra *Fundamentação da Metafísica dos costumes* (1785), esse pensador faz perceber que a ocorrência do fenômeno da consciência era um ordenador da conduta humana em sociedade. A expressão de uma razão pura atuante sobre o ser humano, também cindida da corporeidade, seria aquela que guiaria todos os seres humanos indistintamente a manter uma conduta exemplar em sociedade. Isso significa que o fenômeno da consciência se

expressaria como uma lei moral (um imperativo) que faria uma pessoa subordinar todas as suas volições e desejos a essa lei. Portanto, o enfoque dado na compreensão do fenômeno da consciência por Kant encontra-se reforçando a noção moral de consciência na medida em que um indivíduo está subordinado aos ditames morais e, através dele, propicia uma harmonia na coexistência em grupo.

Aqui é importante chamar a atenção para o que segue: a retomada desse *background* sinaliza que o fenômeno da consciência foi constantemente compreendido como uma característica humana que, em alguma medida, estava “apartado” do todo que é o indivíduo, em sua dimensão biológica, e que esse fenômeno encontrava-se “acima” das influências corpóreas, dos acontecimentos sociais, culturais, e que tinha uma supremacia para orientar o ser humano no convívio social. O fenômeno da consciência possui sim, em alguma medida, esse papel de delimitador dos anseios (entre eles os instintuais) dos indivíduos e cria uma esfera de convivência em que há limites para o exercício e a manifestação dos mesmos. Isso é inegável, e foi (e continua sendo) indispensável para propiciar ao ser humano o convívio a partir do momento em que seres humanos passaram a compartilhar da vida em grupo. Em nenhum momento nesta tese se questiona a relevância do caráter autoavaliativo moral manifesto através da consciência humana, pois seu valor é inegável no que se refere a propiciar condições para a civilidade humana. Mas parece que essa perspectiva deixa em aberto algumas questões: poderia de fato ser considerado o fenômeno da consciência como uma característica humana que exerceria uma “supremacia” sobre a corporeidade? Esse fenômeno teria tão somente esse caráter autoavaliativo moral ou poderia ser analisado sob outro viés? Por qual razão muitas pessoas mesmo reconhecendo a relevância dos ditames morais, para si e para os demais, não conseguem agir em conformidade com eles?

Quando se faz uma análise mais minuciosa do proceder dos seres humanos em sociedade percebe-se que diversas são as circunstâncias nas quais uma pessoa pode encontrar-se a autoavaliar-se sob um viés moral – manifestando-se por meio dessa perspectiva consciente.

Entretanto, observando mais um pouco as outras inúmeras circunstâncias nas quais indivíduos podem estar inseridos, relacionando-se, convivendo, percebe-se também que são quase que infindáveis as situações em que seres humanos se manifestam pelo fenômeno da consciência em sociedade mas sem fazê-lo sob um

viés de avaliação moral. Ou seja, em inúmeras circunstâncias seres humanos apenas se manifestam pela consciência e operam no mundo através dela sem que seja requisitado pelas circunstâncias realizar esse movimento de forma autoavaliativa. Surge então mais um questionamento: se pessoas se manifestam de forma tão variada no que se refere a proceder perceptivamente em relação ao mundo, se relacionar, tomar decisões, e agir – orientados por uma perspectiva perceptiva consciente – seria então possível analisar o fenômeno da consciência sob outro viés de interpretação? A resposta, intuitivamente, é afirmativa. Contudo, é imprescindível apresentar indícios fáticos que apontem para uma direção que sinaliza que isso seja possível.

Desse modo, a partir do final do século XIX e ao longo do século XX, outros pontos no que se refere a entender consciência começaram a ganhar espaço. Para Sigmund Freud a consciência evidenciava a presença dos processos psíquicos individuais subjugados às forças inconscientes, que apareciam na manifestação consciente de algum modo quando o indivíduo se relacionava socialmente. Em Martin Heidegger, a abordagem a respeito do fenômeno da consciência é feita a partir da perspectiva existencial. Em Jean-Paul Sartre a noção de consciência relaciona-se com uma atitude que o ser humano mantém frente ao mundo que integra, ou seja, a consciência é uma saída de si para assumir uma posição diante dos acontecimentos, pessoas ou objetos no curto-longo período de sua vida.

Por meio de inúmeros experimentos científicos, de tecnologias que passaram a ser desenvolvidas, descobertas feitas sobre o funcionamento cerebral, muitas investigações entraram em curso. Durante o século XX, apareceu a filosofia da mente que está no encalço de ampliar a compreensão do fenômeno da consciência e, primordialmente, tenta superar a cisão fortemente salientada por Descartes entre o corpóreo e o mental. Nesse sentido, muitos filósofos empreenderam suas vidas na pesquisa dessa problemática. Dessa forma, grande parte da filosofia da mente ocupa-se em tentar desvendar o problema cartesiano do sujeito fragmentado, em que o indivíduo apresenta uma *res cogitans* e uma *res extensa* que integram o seu todo como ser e ao mesmo tempo se diferenciam entre si. Nessa área busca-se compreender qual é a natureza da mente (e também da consciência), os estados mentais, os distintos modos de percepção sobre a realidade (pessoas que expressam daltonismo...) entre outros aspectos. Diversos pensadores dessa área (David Chalmers, Donald Davidson, John Searle...)

pesquisam com o objetivo de alcançar uma teoria que encontre um possível “elo perdido” que explicaria de que forma os componentes de uma pessoa operam conjuntamente e especialmente o que significa a consciência na expressão dos diversos estados mentais de um ser humano. Outros pensadores (Patrícia e Paul Churchland) utilizam-se de tentativas teóricas que visam reduzir o mental ao físico; e também há os que pesquisam e negam a existência desse fenômeno ou ainda os que afirmam que consciência seria um mistério incognoscível.

A filosofia da mente veio mantendo um papel importante na tentativa de elucidação sobre a relação que é mantida entre a dimensão corporal e a mental e na investigação sobre o tópico da consciência. Muitas são suas contribuições e esclarecimentos, porém parece que ainda se está bem distante de uma resposta final sobre essas questões. O que importa para este trabalho, no que se refere às contribuições que a filosofia da mente apresenta, é assinalar a perspectiva de que há uma relação entre a dimensão corpórea e a mental que colabora para a ocorrência do fenômeno da consciência. Esse aspecto será muito importante para o desenvolvimento da perspectiva diferenciada de compreensão sobre o fenômeno da consciência que se pretende apresentar.

Entretanto, outro aspecto que mais ainda tem chamado a atenção das pessoas em geral, filósofos e cientistas, são as abordagens neurocientíficas feitas com vistas a compreender o fenômeno da consciência partindo da corporeidade, ou seja, da relação e do funcionamento dos neurônios. Antônio Damásio (neurocientista português) tem contribuído significativamente para repensar diversos paradigmas sedimentados em relação ao fenômeno da consciência. E, desse modo, tendo exatamente esse amplo panorama a respeito do fenômeno da consciência diante dos olhos, realizando vários aprofundamentos biológicos e neurocientíficos, iniciou-se uma reflexão com vistas a procurar explicar as variações segundo as quais o fenômeno da consciência pode ser manifestado pelos seres humanos, e que não estão contidas dentro de uma explicação tradicional de consciência – como autoavaliativa sob um viés moral.

Dessa maneira, o livro *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano* (1996) foi determinante para que pudesse despontar este empreendimento. Através dessa obra percebeu-se que a investigação científica tem comprovado por meio de experimentos neurocientíficos que o fenômeno da consciência não somente é influenciado pelo corpo bem como depende dele fundamentalmente para se

expressar. Sem uma base biológica parece não ser possível falar de manifestação de perspectivas perceptivas conscientes humanas. Nesse sentido, Descartes encontrava-se enganado no que se refere ao fenômeno da consciência poder ser pensado como algo apartado do corpo – e expressando uma possível superioridade em relação a ele. Portanto,

É esse o erro de Descartes: a separação abissal entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com um funcionamento mecânico de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro; a sugestão de que o raciocínio, o juízo moral e o sofrimento adveniente da dor física ou agitação emocional poderiam existir independentemente do corpo.**

Reconhecendo essa possível falha cartesiana, da cisão entre mental e corporal e de uma pretensa supremacia do mental sobre o corporal, que acentuou fortemente a ideia de “consciência” como quase que exclusivamente moral, é que se passou a cogitar outras possibilidades para que fosse possível expressar um entendimento do fenômeno da consciência. Desse anseio, e assumindo o influxo de uma base biológica e inúmeras influências socioculturais e existenciais, partiu-se para análises que pudessem responder às variações na manifestação de perspectivas perceptivas de seres humanos no mundo – e que por vezes não possuíam qualquer relação com um viés moral. Dessa maneira, o problema que se impôs foi o seguinte:

Tomando por base que seres humanos não se expressam tão somente por meio de um viés perceptivo autoavaliativo moral, na maior parte do tempo de sua existência, como poderia ser compreendido o fenômeno da consciência na sua dinâmica de expressão que move os seres humanos a se comunicarem no mundo, manterem relações, alcançarem objetivos e realizarem tudo o mais que diz respeito à sua vida?

Tomando o problema como o norteador desta investigação, e analisando várias perspectivas na literatura, formulou-se a seguinte hipótese de trabalho, para ser sustentada como tese: *o fenômeno da consciência ao ser manifesto por um indivíduo, quando não é expresso sob um viés autoavaliativo moral, se exprime de*

** DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 280.

forma adaptativa frente à realidade e às influências recebidas (biológicas, socioculturais, existenciais) para contribuir com a manutenção da vida humana.

Para verificar a viabilidade da proposta, a análise realizada ao longo deste trabalho tem em vista colocar em evidência a base sobre a qual essa hipótese se desenvolve, analisar a formação e a estruturação da consciência que pode contribuir para isso (tais como os fatores socioculturais), buscar entender a influência de componentes existenciais) e, por fim, elucidar a proposta faticamente através de exemplos que consubstanciam esta ideia.

Assim sendo, abre este trabalho o **primeiro capítulo** apresentando a problemática do fenômeno da consciência a partir da base biológica, assinalando a interdependência entre a corporeidade e a dimensão mental. Será destacada a influência da dimensão bioquímica na expressão e manifestação de perspectivas conscientes, tratando esse fenômeno como um estado mental que também é influenciado pela dimensão bioquímica do ser humano.

No **segundo capítulo** será abordada a perspectiva segundo a qual o fenômeno da consciência passa por uma estruturação e uma formação. Posteriormente a isso objetiva-se elucidar o significado de “fenômeno” e sua relevância para esta proposta. Também será tratado, nesse capítulo, o papel da sociedade e da cultura. Esses dois serão levados em conta como aspectos que interferem no que se refere a um indivíduo manifestar uma perspectiva perceptiva sobre os demais e o mundo. Além desses aspectos, tratar-se-á da dinâmica por meio da qual se compreende que o fenômeno da consciência opera, na visão adaptativa que será apresentada. O papel da existência será destacado como primordial para que se visualize o fenômeno manifesto e o mesmo possa ser visto e analisado em suas variações.

No **terceiro capítulo** o fenômeno da consciência é investigado mais amiúde através da perspectiva da existência humana. Para essa investigação serão utilizados os autores Martin Heidegger e Sigmund Freud. Por meio da existência são reconhecidos os componentes existenciais a influenciar na ocorrência do fenômeno em questão. A angústia e a emergência de conteúdos oriundos do inconsciente serão considerados na presente análise, e será destacado o papel que eles possivelmente exercem para corroborar na sustentação da hipótese em questão.

Por fim, no **quarto capítulo** a reflexão seguirá explicitando a compreensão a respeito de adaptação e de que forma ela pode ser compreendida em relação ao

fenômeno da consciência. Além disso, será possível visualizar como sujeições, sob as quais indivíduos estão submetidos, contribuem para uma efetiva adaptação na ocorrência do fenômeno da consciência. Nesse capítulo serão apresentados alguns resultados da proposta em questão.

A partir daqui, em que a proposta está lançada, deseja-se que a incursão realizada nas próximas páginas seja recompensadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese colocou em destaque uma maneira dinâmica de visualizar o fenômeno da consciência. Assim, segundo essa visão dinâmica o ser humano se relaciona com seus pares, acontecimentos e com o mundo através do fenômeno da consciência que se adapta fenomenicamente quando o mesmo se encontra em situações diversas, que não requerem dele autoavaliações morais e quando alguma influência (biológica, sociocultural, existencial) o demanda a dar conta de sua sobrevivência, necessidades suscitadas e/ou a buscar aprofundamentos epistemológicos. Esta ideia desenvolvida não se pretendeu absoluta. Nesse sentido, o desenvolvimento realizado foi um indicativo teórico sobre a possível perspectiva adaptativa do fenômeno da consciência e a explicitação de como esse aspecto permeia a ocorrência de tal fenômeno no cotidiano dos seres humanos. Certamente outras possibilidades para que se realizem distintas abordagens sobre o fenômeno da consciência permanecem abertas e acredita-se, com base nas evidências dos avanços tecnológicos e na amplitude das pesquisas científicas, que muito mais pode ser afirmado teoricamente sobre o fenômeno da consciência e a respeito de sua dinâmica de manifestação.

O enfoque da presente tese procurou contemplar outra perspectiva a respeito do fenômeno da consciência, saindo do aspecto tradicionalmente reconhecido como uma autoavaliação moral. Esse aspecto é indispensável aos seres humanos no seu convívio, mas ele não tem o seu valor solapado e nem mesmo enfraquecido pela afirmação das ideias aqui expostas. Assinalou-se, dessa maneira, o caráter dialético de expressão do fenômeno da consciência que, quando influenciado por um ou diversos aspectos, pode adaptar-se no ato de sua manifestação quando seres humanos exprimem suas perspectivas perceptivas.

Para fazer essa explanação, assumiu-se que o fenômeno da consciência é tanto influenciado pela base biológica do ser humano, no que diz respeito à sua corporeidade, como também pelos fatores socioculturais e componentes existenciais. Ou seja, reconheceu-se a interação entre ambas as dimensões que propiciam condições para que o fenômeno da consciência seja manifesto na realidade pelos indivíduos.

Pela dinâmica dialética presente no fenômeno da consciência, destacou-se que é possibilitado ao ser humano deparar-se com os acontecimentos que se dão no

mundo, bem como produzir possibilidades de perspectiva perceptiva sobre a realidade antes não imaginada, pelas sínteses perceptivas oriundas da confrontação entre estados mentais que, em algum momento, foram opostos. Isso denota que diante das circunstâncias mais variadas, e nas quais não há um ditame previamente estabelecido, indivíduos operam dialeticamente pela consciência para adaptarem-se às mais variadas circunstâncias, sobreviverem, satisfazerem necessidades, alcançarem ou aprofundarem conhecimentos. Com isso, alguns indivíduos, possivelmente nem todos, podem até mesmo vir a manifestar outras possíveis perspectivas perceptivas mais “complexas” e “sofisticadas” como sistemas teóricos, estratégias de raciocínio, reflexões em metanível, criação de hipóteses de investigação etc.

Percebeu-se que o objetivo maior, relacionado à adaptação fenomênica e expresso na existência cotidiana dos indivíduos, é a ultrapassagem de desafios, garantindo aquilo que se apresenta indispensável pelas circunstâncias mais variadas e encontrar-se integrado ao grupo, manter determinadas relações, realizar conquistas e assim por diante.

Através da existência humana, das influências dos fatores socioculturais e dos componentes existenciais assinala-se que indivíduos se adaptam ao mundo e que se o fazem é em decorrência dos anseios ou metas estipulados por si ou suscitados pelo convívio no grupo. Ajustar-se fenomenicamente pela consciência tem o sentido de dar conta das circunstâncias e das demandas inerentes a elas e permitir ao indivíduo ocupar-se com a vida cotidiana de sua existência junto aos outros seres humanos frente ao que não está prescrito.¹ A adaptação fenomênica da consciência está conectada às influências e condicionamentos que o ser humano está sujeito permanentemente em seu cotidiano e, como o mesmo não possui uma regra ordenadora a orientá-lo como deva fazê-lo de forma constante no seu

¹ É bom deixar claro que em nenhum momento se atrelou e nem se conectou de forma teórica ou empírica a ideia de adaptação do fenômeno da consciência à perspectiva de evolução do ser humano (ou de evolução de suas perspectivas conscientes). Conectar e conjugar adaptação com evolução implicaria ter critérios bem claros de o que significaria alguém estar “mais” ou “menos” adaptado e evoluído, de saber *exatamente o que significa “evolução”*, ou seja, seria oferecer critérios comparativos entre um indivíduo e outro ao longo do tempo em diversos aspectos. Em nenhum momento isso foi objetivado e nem realizado na explanação deste trabalho, exatamente pelo fato de que esse não é o anseio teórico elucidativo desta tese e em nenhuma parte do trabalho foram realizadas comparações entre perspectivas perceptivas de indivíduos. A conjugação de adaptação e evolução, portanto, é um aspecto que nesta análise é considerada de âmbito estritamente biológico. Para tratar da relação entre adaptação e evolução (questionar, postular uma reinterpretação ...) seria preciso uma tese que realmente estivesse o objetivo de fazê-lo – o que não foi o caso aqui.

cotidiano, ele procede seguindo o princípio básico relacionado a gerir e efetivar a manutenção da vida. Quando se fala em adaptação da manifestação da consciência se está olhando faticamente para um fenômeno. Isto é, visualiza-se que consciência é aquela que permite a um ser humano desenrolar sua existência ao longo dos anos, e que propicia ao indivíduo fazê-lo sem passar “ileso” pelo mundo. Assim sendo, enquanto o ser humano opera dialeticamente em relação aos seus estados mentais, para produzir uma síntese que permita a ele adaptar-se às circunstâncias ou a percepções de pessoas quando se manifestar segundo a perspectiva perceptiva que ele assume, ele está ocupado em integrar o mundo à sua pessoa (e não isolar-se dele, nem mesmo ser relegado a um possível ostracismo social ou afundar-se em um solipsismo).

Nesse sentido, adaptar-se fenomenicamente no que se refere à manifestar-se pela consciência no mundo diz respeito a expressar-se de maneira a criar condições que habilitam um indivíduo a relacionar-se com os demais (indivíduos e seres), integrar-se no “a” do mundo no que se refere às mais variadas circunstâncias como possibilidade e desafios, bem como poder vivenciar uma existência dentro de relações por mais desafiador que isso seja quando pessoas se deparam com as diferenças e/ou com aquilo que lhes é contrário.

É importante contemplar que a adaptação fenomênica engloba a sobrevivência, o preenchimento de necessidades e a procura por novos ou mais detalhados saberes, dentre outros aspectos que podem aparecer na vida de uma pessoa. No que se refere ao preenchimento das necessidades, suscitadas pelo convívio em grupo, que cria elementos que são valorizados e requisitados pelos indivíduos, pode ocorrer que muitas adaptações feitas se mostrem, com o passar do tempo, nocivas à sobrevivência. Quando surgem determinados costumes, por exemplo, o de tomar banho de sol e adquirir bronzeado, o ato de fumar, o uso de substâncias para amenizar situações de tensão e/ou angústia, pessoas podem aderir a eles adaptativamente pelo fenômeno da consciência. As pessoas, ao operarem dialeticamente em seus eventos mentais e produzirem uma síntese perceptiva que os conduza àquele determinado posicionamento perceptivo, manterão certas relações e tomarão determinadas atitudes no mundo e não outras.

Contudo, como bem pode ser visto, as adaptações de perspectivas perceptivas, que incidem na maneira como uma pessoa norteia sua existência, podem ser problemáticas e até mesmo prejudiciais à sua sobrevivência. Com o

passar dos anos as adaptações fenomênicas realizadas por indivíduos pode produzir efeitos que coloquem em risco sua sobrevivência, como o câncer de pele pela exposição excessiva ao sol, deterioração neuronal e/ou fisiológica devido ao uso de alguma substância (nociva), doenças respiratórias. Inúmeros outros exemplos sobre adaptações fenomênicas realizadas por indivíduos, sob o influxo das necessidades criadas socialmente ou até mesmo individualmente, poderiam ser elencadas. Todavia, não há a pretensão de exaurir a exposição através de exemplos e os mesmos podem ser verificados com observações do convívio humano.

Isso evidencia que as adaptações fenomênicas não são totalmente “favoráveis” e “desejáveis”, na medida em que se realiza o reconhecimento de que elas procuram satisfazer o anseio pessoal de um indivíduo mas talvez a médio ou a longo prazo elas se revelem como prejudiciais à sua existência.

Exatamente pelo fato de que esta proposta apresentada não se pretende final e nem absoluta é que se reconhece que nem todas as possíveis adaptações que podem ser feitas são as mais favoráveis à vida humana do ser como um todo, que lhe propiciariam condições “ideais” para o desenvolvimento de sua vida. Conforme é bem destacado em âmbito biológico, nem todas as adaptações que são realizadas pelos seres são as mais vantajosas. Mas exatamente aí ingressa a permanente dinâmica dialética que opera nos seres humanos, tanto em âmbito fenomênico como nas ocorrências práticas das circunstâncias cotidianas. Das adaptações fenomênicas realizadas por um indivíduo e que talvez não lhe proporcionaram muitos ganhos, isso pode suscitar no indivíduo o novo confronto entre os estados mentais sustentados. Dessa forma, com a realização de uma outra operação dialética isso pode talvez (nada garante que isso ocorra) suscitar no indivíduo a produção de outra perspectiva perceptiva, nova síntese que, possivelmente, o faria readaptar-se fenomenicamente em sua perspectiva perceptiva quando ele reconhecesse que sua sobrevivência se encontra em risco.

O importante, ao final de tudo, é perceber que o fenômeno da consciência, que propicia condições de relação e interação com os demais seres e com as situações, opera de maneira integrada à biogenicidade do indivíduo e também recepcionando influências socioculturais, existenciais. Ao proceder desse modo, o fenômeno da consciência habilita o ser humano a integrar-se ao mundo, aos acontecimentos e a produzir tantos resultados rapidamente reconhecíveis se for possível parar para observar. Alguns resultados poderiam ser elencados, tais como:

a tecnologia e suas múltiplas expressões, a amplitude científica presente na atualidade, a sofisticação com a qual seres humanos se permitem operar no mundo por meio de criações artísticas, literárias, cinematográficas entre tantas outras.

Essa perspectiva de manifestação da consciência adaptativa, em que a consciência ajusta-se fenomenicamente aos condicionamentos socioculturais e existenciais, não caracteriza de forma maniqueísta as adaptações realizadas. Os ajustes na expressão da consciência sinalizam para aquilo que o ser humano pende na medida em que recebe influências e essas são dialeticamente confrontadas com os estados mentais que se encontram em um indivíduo. E é isso o que importa considerar nesta tese, isto é, reconhecer as condições e as contingências sob as quais o fenômeno da consciência se expressa adaptativamente na realidade sem fazer julgamentos moralizantes sobre isso.

O resultado aqui obtido, que apresentou essa outra perspectiva pela qual se compreende o fenômeno da consciência sem excluir o seu caráter autoavaliativo moral, foi alcançado por meio do suporte nas bases teóricas a saber: biológica, neurobiológica, filosófica. Essas bases utilizadas propiciaram alicerçar esse novo olhar a respeito de um fenômeno ao mesmo tempo é tão fascinante e intrigante aos pesquisadores das mais diversas áreas. E por qual razão a meta foi alcançada? Pelo fato de que se encontraram veios teóricos para justificar esse outro entendimento a respeito de consciência, tais como a influência de fatores biológicos, socioculturais e de componentes existenciais a movimentar a dinâmica dialética inerente ao fenômeno da consciência. Essa dinâmica faz o fenômeno da consciência se mover de maneira a produzir sínteses perceptivas através das quais indivíduos se orientam ora para um posicionamento perceptivo, ora para outra direção, como em geral seres humanos podem vir a realizar no seu cotidiano com vista a produzir resultados que assegurem a manutenção e o desenvolvimento da existência.

Na medida em que o fenômeno da consciência está em um devir, no que se refere à expressão de perspectivas conscientes, que podem ser suscitadas tanto pelos componentes existenciais, como angústia e conteúdos inconscientes, como por fatores socioculturais, ou pelas reações químicas, uma pessoa está integrada à dinâmica de ajuste perceptivo frente ao mundo. E ao estar integrada à realidade a pessoa, em alguma medida, está aberta às possibilidades de concretização de outras adaptações perceptivas. Isso propicia ao ser humano e ao grupo social em que vive a possibilidade de o mesmo diferenciar-se de tempos em tempos dos seus

antepassados e tornar sua existência e convívio tão peculiares a cada época. As adaptações fenomênicas, que transportam em si um devir perceptivo do fenômeno da consciência humana, sinalizam a constante dinamicidade do *manifestar-se por meio de perspectivas perceptivas* que acontecem pelo fato de que o ser humano encontrar-se sob sujeições e possibilidades da realidade e precisar dar conta delas. Isso ocorre pelo fato de que na maior parte das circunstâncias do viver humano não há regramentos estabelecidos que orientem como indivíduos precisam proceder para existir e sobreviver no mundo e, nesse sentido, se adaptam fenomenicamente.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABRANTES, Paulo C. **Filosofia da Biologia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ARISTÓTELES. **Acerca del alma (De Anima)**. Madrid: Gredos, 1994.

AUDI, R. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 2006.

BLOCK, Ned. Consciousness. In GUTTENPLAN, Samuel. **A companion to the philosophy of mind**. Oxford: Blackwell, 1998.

BRUFORD, W.H. **The German Tradition of Self-Cultivation: Bildung from Humboldt to Thomas Mann**. London: Cambridge University Press. 1975.

CAMPBELL, Neil; REECE, Jane B. **Biologia**. Tradução Anne D. Villela. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COSTA, Claudio. **Filosofia da Mente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DAMÁSIO, Antônio. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

DESCARTES, René. **Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. São Paulo: Paulus, 2002.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Loyola, 2001.

FREEMAN, Scott; HERRON, Jon C. **Análise Evolutiva**. Trad. Marai Regina Borges-Osório, Rivo Fischer. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREUD, Sigmund. Mal-estar na Civilização. In: **Cinco lições de psicanálise**, a história do movimento psicanalítico, o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização, esboço de psicanálise. São Paulo: Abril Cultural, [1929-30]1978.

FREUD, Sigmund. O ego e o id e outros trabalhos. In: **Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**: Edição Standard. Trad. Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, [1923-1925] 1988.

FREUD, Sigmund. O Futuro de uma Ilusão. In: **Cinco lições de psicanálise**, a história do movimento psicanalítico, o futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização, esboço de psicanálise. São Paulo: Abril Cultural, [1927]1978.

FREUD, S. **O inconsciente**. In: Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, [1915] 1996.

FREUD, Sigmund. **Projeto para uma psicologia científica**. Direção e revisão técnica Jayme Salomão. Tradução Milton Persson. Rio de Janeiro: Imago, [1895] 1975.

FREUD, S. **Totem e Tabu**: alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e dos neuróticos. Trad. Órizon Carneiro Muniz. Rio de Janeiro: Imago, [1913] 1974.

FUTUYMA, D.J. **Biologia Evolutiva**. 2ª ed. Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Genética/ CNPq, 1992.

GRANT, Verne. **The origin of adaptations**. New York- USA; London- UK: Columbia University Press, 1963.

GUIGNON, Charles. **Poliedro Heidegger**. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget, 1993.

GULICK, Robert Van. Consciousness. In: **Stanford Encyclopedia Of Philosophy**. Disponível em: < <http://plato.stanford.edu/entries/consciousness/>>. Acesso: 25 Jun 2012; 28 Jul. 2012; 15 Dez. 2012; 27 Jan. 2013; 30 Ago. 2013; 28 Out. 2013

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Fausto Castilho. Edição em bilingue: Alemão-Português. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, [1927] 2012.

HEIL, John. **Philosophy of mind: a guide and anthology**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio**: 1830. Trad. Paulo Meneses e José Machado. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa Houaiss**. Versão 1.0.5., 2002, versão digital.

HUSSERL, Edmund. **Investigações Lógicas**: Sexta Investigação (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). Trad. Zeljko Loparic; Andréa Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HUSSERL, Edmund. **Meditações Cartesianas**: introdução à fenomenologia. Porto - Portugal: RÉS, 198[?].

JONES, Kenneth C.; GAUDIN, Anthony J. **Introdução à Biologia**. Tradução A. Xavier da Cunha. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: 70, 2005.

KIM, Jaegwon. **Philosophy of mind**. Boulder: Westview Press, 1998.

JOHN, E. Roy. A theory of consciousness. In **Current Directions in Psychological Science**. v. 12. n. 6. , dec. 2003, p. 244-250. Disponível em: <<http://www.jstor/stable/20182890>>. Acesso em 27 Mai. 2013.

LASLETT, Peter. **The Physical basis of mind**. Oxford: Basil Blackwell, 1952.

LEHRINGER, Albert Lester. **Princípios de Bioquímica**. Trad. Arnaldo Antônio Simões, Wilson Roberto Navega Lodi. 4. ed. São Paulo: Sarvier, 2006.

LORDMAN, Eric. Consciousness. In **Routledge Encyclopedia of Philosophy**. Version 1.0. London: Routledge, 1998, arquivo digital CD-ROM.

LOPARIC, Zeljko. Heidegger. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LLINAS, R.; RIBARY, U.; CONTRERAS, D.; PEDROARENA, C. The Neuronal Basis for consciousness. In **Philosophical Transactions: Biological Sciences**. London, v. 353, n. 1377. p.1841-1849, 29 nov. 1998.

MATTEO, Vincenzo di. Do inconsciente ao ID: Gênese de uma ideia. **Symposium** – Revista da UNicap. Recife-PE. v. 28, n. 1. p. 118-136, 1986, p. 118.

MCLAUGHLIN, Brian P. Philosophy of mind. In AUDI, Robert. **The Cambridge dictionary of philosophy**. New York, NY: Cambridge University, 1995.

OLIVEIRA, Camila Passos Fleury de. A construção do conceito de consciência em Freud, Marx Adorno. Publicado em 11 Ago 2005. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, 30 (2): p. 305-329, jul./dez. 2005, p. 326. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/download/1316/1359>>. Acesso em: 01 out. 2013.

O'SHAUGHNESSY, Brian. **Consciousness and the World**. Oxford; New York: Oxford University Press, Clarendon Press, 2008.

QUINODOZ, Jean-Michel. **Ler Freud**: guia de leitura da obra de Sigmund Freud. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIDLEY, Mark. **Evolução**. Trad. Henrique B. Ferreira, Luciane Passaglia, Rivo Fischer. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SADAVA, David; HELLER; ORIAN; PURVES; HILLIS. **Vida**: a ciência da biologia. Tradução Carla Denise Bonan. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SEARLE, John. **A redescoberta da mente**. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEARLE, J. How to study consciousness scientifically. In: **Philosophical Transactions: Biological Sciences**. London, v. 353, n. 1377, p. 1935-1942, 29 Nov. 1998.

SEARLE, J. **O mistério da consciência e discussões com Daniel C. Dennett e David J. Chalmers**. Trad. André Yujii Pinheiro Uema e Valdimir Safatle. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SILVEIRA, Cedaíor da. **A noção de sujeito contemporâneo na perspectiva freudiana, nietzschiana e heideggeriana**. Especialização em Filosofia da Psicanálise - SIG/IBV. Porto Alegre – RS, 2013, 24 p. [Material no prelo].

SIMHA, André. **A consciência, do corpo ao sujeito**: análise da noção, estudos de textos: Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

STEIN, E. **As ilusões da transparência**: dificuldades com o conceito de mundo da vida. Ijuí: Unijuí, 2012.

STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e Tempo”**- Comemoração dos sessenta anos de Ser e Tempo de Heidegger. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

STEIN, E. **Introdução ao pensamento de Martin Heidegger**. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2002.

STEIN, E. **Pensar é pensar a diferença**: filosofia e conhecimento. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

TAYLOR, Charles. **As Fontes do Self** – A construção da identidade moderna. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu Azevedo. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ULLMANN, R. A **Antropologia Cultural**. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1983.

VATTIMO, GIANNI. **Introdução a Heidegger**. 10 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

VIEIRA, Ricardo. **Fundamentos da bioquímica**: textos didáticos: Belém-PA: Universidade Federal do Pará, 2003.

ZELAZO, P. D. ;MOSCOVITCH, M.; THOMPSON, E. (editors). **The Cambridge Handbook of Consciousness**. Cambridge: New York: Cambridge University Press, 2007.